



issn: 2176-5960

Προμηθεύς

journal of philosophy

n. 40 September - December 22



SÓCRATES E A PRÁTICA DO EXAME DAS ACUSAÇÕES NO TRIBUNAL ATENIENSE: PERSPECTIVAS FOUCAULTIANAS¹

Priscila Céspedes Cupello²

RESUMO: Michel Foucault (1926-1984) ao analisar o diálogo *Apologia de Sócrates* de Platão afirma que Sócrates não se vale da retórica para defender-se das acusações recebidas no tribunal ateniense. Ele não faz uso de um discurso que visa a adulação do júri pela comoção e piedade. De acordo com Foucault (2009), o filósofo faz uso da fala franca (*parresía*) e procura examinar as acusações recebidas em busca da verdade e da promoção da justiça. Sócrates segue o conselho de seu *daímon* que o orienta a não preparar um discurso de defesa e pratica o exame das acusações no tribunal. Sócrates age na contramão do que até então era praticado naquele espaço, colocando-se em risco de vida e sendo, posteriormente, sentenciado a pena de morte por envenenamento.

PALAVRAS-CHAVE: Ética, Política, Michel Foucault, Sócrates e *Parresía*.

ABSTRACT: Michel Foucault (1926-1984) when analyzing Plato's *Apology of Socrates* dialogue states that Socrates does not use rhetoric to defend himself against the accusations received in the Athenian court. He makes no use of a speech aimed at the adulation of the jury by commotion and pity. According to Foucault (2009), the philosopher makes use of frank speech (*parresía*) and seeks to examine the accusations received in search of the truth and the promotion of justice. Socrates follows his *daímon's* advice not to prepare a defense speech and practices examining the charges in court. Socrates acts against what was practiced in that space until then, putting his life at risk and being later sentenced to death for poisoning.

KEYWORDS: Ethics, Politics, Michel Foucault, Socrates and *Parresía*.

¹ Este artigo é uma adaptação proveniente da tese de Doutorado defendida em 2021 no Programa de Pós-Graduação Lógica e Metafísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLM/UFRJ) intitulada "O 'acontecimento Sócrates', o escândalo da obediência e os perigos da *parresía*: perspectivas foucaultianas". Disponível em:

<https://ppglm.files.wordpress.com/2022/01/tese-ppglm-priscila-c.-cupello.pdf>

² Doutora e Pós-doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação Lógica e Metafísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLM/UFRJ) – Bolsista FAPERJ. E-mail: cupello.priscila@gmail.com

“A vida sem esse exame não vale a
pena ser vivida”
(PLATÃO).

Platão narra em quatro diálogos a cena dramática dos momentos finais da vida de Sócrates. O primeiro é o *Eutífron*, que acontece quando Sócrates vai ao pórtico do arconte rei verificar as acusações recebidas; *Apologia de Sócrates*, diálogo em que o filósofo se defende no Tribunal ateniense; *Críton*, que ocorre já com Sócrates condenado e na cela esperando sua sentença de morte e finalmente e, por fim, *Fédon* que narra as últimas palavras do filósofo ao conversar com seus amigos a respeito da imortalidade da alma.

Sócrates foi acusado pelo tribunal ateniense de cometer três crimes: corromper a juventude, não acreditar nos deuses atenienses e introduzir novas divindades.³ No diálogo *Eutífron*, de Platão, encontramos o momento em que Sócrates vai ao pórtico do arconte rei verificar as acusações recebidas e o personagem homônimo se assusta com a presença do filósofo no ambiente:

Eutífron – Que novidade houve, Sócrates, para deixares as conversações do Liceu e te piores aqui no pórtico do arconte rei? Não hás de ter, como eu, nenhuma demanda junto do rei.

Sócrates – Os atenienses, Eutífron, não dão a isso o nome de demanda, porém acusação.

Eutífron – Que me dizes? Alguém te acusa de alguma coisa? Pois não posso conceber que sejas capaz de acusar alguém.

Sócrates – Não, de fato (PLATÃO, *Eutífron*, 2a-c).

Podemos notar analisando a passagem acima que Eutífron não imaginava encontrar Sócrates no pórtico para tomar ciência das acusações recebidas. No diálogo *Apologia de Sócrates* de Platão, o filósofo inicia seu discurso dizendo que somente falará a verdade (*alethés*). O historiador Detienne destaca que a palavra na Atenas democrática é o instrumento político por excelência, usada, principalmente, pelos sofistas nos Tribunais para conseguir se livrar das condenações a todo e qualquer custo.⁴ Segundo o estudioso da Antiguidade:

³ Sócrates respondeu à acusação de que não acreditava nos deuses da cidade ao alegar que acreditava nos *daímones*, que eram filhos de deuses (PLATÃO, *Apologia*, 27c-d).

⁴ “También se puede reconocer en esta crítica de Sócrates las palabras de Isócrates, su crítica a la *parresía* de las instituciones democráticas (Discurso sobre la paz, 13). Isócrates habla de cómo las instituciones democráticas están dominadas por las personas sin escrúpulos, los borrachos, los mentirosos” (*apud* VALENTIM, 2012, p. 227).

É através da palavra que os homens agem no âmbito das assembleias, através dela combatem, exercem sua dominação sobre o outro. A palavra não está presa numa rede simbólico-religiosa, ela atinge sua autonomia, constitui seu próprio mundo no jogo do diálogo que define uma espécie de espaço, um campo fechado onde se enfrentam dois discursos (DETIENNE, 2013, p. 54-55).

Sócrates não faz o discurso da lisonja sofisticada, que visa à adulação do júri pela comoção e piedade. Sócrates afirma que discorrerá sem compromisso com a eloquência e que não preparou um discurso de defesa, como seus amigos desejavam, mas que estava sereno com sua decisão, pois ela estava de acordo com a vontade de seu *daímon*. Contudo, o filósofo admite não ter tanta familiaridade com a linguagem empregada nos tribunais e alega que as acusações contra ele são caluniosas e seus acusadores mentirosos. Dentre as mentiras, destaca a que afirma que ele seria um “hábil orador” em referência clara ao discurso sofista ao que ele retruca ao dizer: “a menos que chame de orador eloquente quem só diz a verdade” (PLATÃO, *Apologia*, 17b-c).

A CONTRAPOSIÇÃO ENTRE A RETÓRICA E A *PARRESÍA*

Michel Foucault analisa o início do diálogo *Apologia* de Platão pela demarcação da contraposição entre o discurso retórico e o discurso parresiástico. O primeiro é concebido como o discurso que não estabelece “vínculo entre aquele que fala e o que ele diz”, um discurso que se preza a agradar ao público, com elogios, a fala da lisonja (FOUCAULT, 2009, p. 15). Já “a *parresía* estabelece, portanto, entre aquele que fala e o que ele diz um vínculo forte, necessário, constitutivo, mas abre sob a forma do risco o vínculo entre aquele que fala e aquele a que ele se endereça” (FOUCAULT, 2009, p. 15). Para Foucault, Sócrates faz uso da *parresía* no tribunal ateniense, mesmo sabendo do risco de ser condenado à morte. É importante destacar que não encontramos a palavra *parresía* no texto de Platão, mas *alethés*. No entanto, de acordo com Foucault (2009), o sentido de *parresía* está presente neste diálogo pela atitude de Sócrates, que ao fazer uso da fala fraca e ao escolher tal atitude coloca-se em risco de vida. Segundo Foucault, Sócrates aceita o risco e não recua (2009, p. 73):

Toda a *Apologia*, pelo menos a primeira parte, é consagrada a definir e caracterizar essa tarefa que é útil e deve ser protegida contra a morte. Essa tarefa é um exercício, uma certa prática do dizer-a-verdade, é a aplicação de um modo de veridicção totalmente diferente dos que podem ocorrer na cena política (FOUCAULT, 2009, p. 74-75).

Segundo Foucault, o Sócrates da *Apologia* de Platão apresenta-se como alguém que sempre diz a verdade e que nunca compareceu antes perante um tribunal, e, sendo assim, vai pronunciar discursos que não pertencem às formas oratórias que convêm às assembleias e aos tribunais (FOUCAULT, 2008, p. 287). Sócrates coloca-se nessa *atopia* diante de seus acusadores ao professar o *discurso outro*, que consiste em colocar em prática o modo de veridicção filosófico.⁵

Sócrates afirma que não se esconderá atrás de discursos prontos, apelando e suplicando por sua vida, já que não haveria razão para acreditar que a morte fosse um mal, nem ele agiria de maneira desonrosa por medo da morte (PLATÃO, *Apologia*, 32a-b).⁶ Frédéric Gros destaca que o dizer-a-verdade da *parresía* – na medida em que “visa a transformação do *éthos* do seu interlocutor, comporta um risco para seu locutor e se inscreve numa temporalidade da atualidade – se distingue do dizer-a-verdade do ensino, da profecia e da sabedoria” (2009, p. 315-316).

Sócrates afirma que não será condenado por deficiência de argumentos, mas pela audácia e desfaçatez de não falar aquilo que os acusadores queriam ouvir, nem chorar e lamentar-se. Ele afirma “prefiro mil vezes morrer por me ter defendido como fiz, a ficar vivo se tivesse falado de outro modo” (Ibidem, 38e-39a). Em um discurso parresiástico, comprometido somente com a verdade, Sócrates acusa os atenienses de preferirem os simuladores da sabedoria por orgulho e ambição, do que de fato o sábio. De acordo com Francisco Ortega:

A *Apologia de Sócrates* constitui um exemplo extraordinário de *parrhesía*. Sócrates arrisca sua vida por dizer a verdade, porém, diferentemente de Sólon, não fala como *parrhesiasta* político, mas como médico, pai ou irmão, renunciando à política para dizer a verdade da filosofia. A missão socrática como *parrehesiasta* ético não consiste em fazer política, trata-se antes de animar os outros a se ocuparem de si (*phronesis*), de sua verdade (*aletheia*) e de sua alma (*psyche*). Esses três elementos constituem uma ética, uma forma de se comportar em relação à verdade (ORTEGA, 1999, p. 112).

Sócrates faz menção a sua má fama, quando acusado de corrupção da juventude e alega que não ensina como um professor, mas que os jovens o veem na rua

⁵ Alice Haddad destaca que no diálogo *Fedro*, Sócrates “se autointitula um *átomos*, não como alguém que está ou parece estranho, mas alguém que é estranho (ou extravagante)” (2012/13, p. 202). Sócrates denomina-se um *átomos* por reconhecer seu não-lugar na *pólis* ateniense. Essa mesma estranheza é também compartilhada por seus contemporâneos helenos, sendo a *atopia* um atributo que lhe é atribuído para dizer quem ele é.

⁶ Na *República*, Céfalo afirma que sua maior preocupação diante da velhice e da presença iminente da morte não é o medo dela em si, mas se agiu justa ou injustamente durante sua vida. Daí deriva todo o diálogo em que se questiona o que é a justiça (Platão, *República*, 330a).

interpelando as pessoas e acabam por imitá-lo. A imitação do jogo de perguntas e refutações que irritavam os interlocutores, mas que ele diz que não pode responder nem ser responsabilizado pelas atitudes alheias (PLATÃO, *Apologia*, 23b-e). Na *Apologia* de Xenofonte, Sócrates afirma que “jamais tornei ninguém mais vicioso, mas servia os que comigo privavam ensinando-lhes sem retribuição tudo o que podia de bem” (II, 26-27).

Caberia mesmo perguntar que espécie de corrupção poderia ter um tal pensador, maltrapilho e tagarela, sobre os jovens *kaloì k'agathoí* de Atenas, a fim de lhes subverter valores morais e religiosos? De acordo com Mendonça, “Sócrates foi o plebeu que soube seduzir os nobres atenienses, o homem do povo que atraiu discípulos, e que, por isso, viu cair sobre si a acusação de corrupção da juventude (MENDONÇA, 2000, p. 12).

A condenação de Sócrates à morte – pouco tempo depois do retorno do governo democrático, restituído após a tirania dos trinta – não estaria muito vinculada com questões religiosas, como alegavam seus inquisidores, já que na Grécia Antiga “não existia uma ‘ideologia oficial’ à qual Sócrates devesse se submeter, sob pena de ser perseguido ou condenado à morte” (MOSSÉ, 1990, p. 156), mas, principalmente, devido à sua crítica ao governo democrático ateniense e também sua proximidade com Crítias, Cármides e Alcibiades. Como destacou Stone, ambos foram “retratados de modo altamente favorável nos diálogos platônicos, como amigos de Sócrates” (1988, p. 78). Xenofonte escreveu que:

Crítias e Alcibiades, que foram discípulos de Sócrates, causaram o maior mal ao Estado. Crítias foi o mais cúvido, violento e sanguinário dos oligarcas. Alcibiades o mais intemperante e insolente dos democratas [...]. Eram eles, por natureza, os mais ambiciosos de todos os atenienses (*Memoráveis*, I, II, 12-15).

Xenofonte descreve que “enquanto conviveram com Sócrates, tanto Crítias como Alcibiades puderam, graças ao seu auxílio, sopear as más paixões” (*Memoráveis*, I, II, 24), mas que quando se afastaram de seu mestre cometeram as maiores atrocidades. No tribunal, o peso de alguns discípulos de Sócrates terem se corrompido recaí sobre os ombros do filósofo, que se defende dizendo que não pode ser acusado por atitudes que não sejam as suas.

Outro fator importante a ser levado em consideração é a incontestável impopularidade de Sócrates. Luciano Canfora afirma que “Sócrates não fazia política e não brigava exatamente para conseguir um consenso público importante” (2003, p. 22).

De acordo com Mossé, o filósofo era uma figura impopular, tanto que sua morte foi sentida apenas no seu círculo de amigos e seguidores.

Eram os discípulos – Xenofonte e, sobretudo, Platão – que iam dar a esta morte um caráter exemplar, não somente para prestar homenagem à coragem de seu mestre, mas também para fazer dela o símbolo das injustiças cometidas pelo povo ignorante. Durante séculos o julgamento de Sócrates ia ser, portanto, o pretexto usado para criticar e denunciar a democracia (MOSSÉ, 1990, p.152).

Já os amigos de Sócrates, tal como Xenofonte, defendiam que o filósofo mereceria receber honrarias da cidade de Atenas e não uma sentença de morte, pois “longe de corromper os jovens, como lhe censura a acusação, extirpava aos olhos de todos as paixões de seus discípulos e trabalhava para inspirar-lhes o amor à virtude, essa deidade tão bela e tão sublime que fez florescerem as cidades e os lares” (*Memoráveis*, I, II, 64).

No entanto, Sócrates ao longo de sua vida foi acumulando muitos desafetos, seja pela sua conduta em apontar as opiniões falsas dos atenienses com quem conversava, seja pelas diversas críticas destinadas aos renomados sofistas de sua época, seja pelos duros ataques à democracia ou ainda por sua proximidade com jovens que se tornaram futuros tiranos. Tudo isto serviu para alargar a impopularidade do filósofo ateniense e levá-lo ao tribunal sob a acusação de corrupção da juventude.

O EXAME DAS ACUSAÇÕES NO TRIBUNAL ATENIENSE

No diálogo *Apologia* de Platão, Sócrates destaca que tem dois acusadores: os mais antigos, que formaram um conceito falso sobre ele, como Aristófanes na comédia *As Nuvens*, e os que abriram o processo contra ele: Méleto⁷, o porta-voz dos poetas; Ânito⁸, dos políticos e artesãos, e Lico, dos oradores. Sócrates afirma que não pode responder por algo que não seja sua própria conduta, já que na comédia de Aristófanes

⁷ No diálogo de Platão intitulado *Eutífron*, Sócrates fala sobre Méleto e diz “Não o conheço bem, Eutífron; parece ser jovem e um tanto obscuro. Se mal não me lembro, chama-se Méleto, é do de demo de Pitos. Talvez te recordes desse Méleto de Pitos, de cabelos lisos, barba rala e nariz adunco?” (2b-c). Méleto faz parte dos acusadores novos de Sócrates, já Ânito estaria entre os antigos.

⁸ “Algunos autores como Indro Montanelli han defendido por ejemplo que el odio de Ânito a Sócrates estaba relacionado con la vejación que sentía ante el fracaso de no poder convencer a su hijo de marcharse con él al exilio, prefiriendo ser educado por Sócrates que por su padre Ânito” (*apud VALENTIM*, 2012, p. 475). “Ânito, rico industrial e político, fracassou como general em 409 a.C. e, processado por isso, salvou-se corrompendo os juizes. Passando ao partido popular, cooperou na derrubada da tirania dos Trinta e tornou-se muito influente” (BRUNA ad PLATÃO, *Defesa de Sócrates*, 19d).

havia um personagem com seu nome que não acreditava nos deuses da cidade. Nesse sentido, a reputação de Sócrates emerge como um problema, pois como Sócrates afirma, quem está sendo julgado não é ele, mas sua sombra.

Sócrates provoca a raiva do júri, ao tentar fazer com que eles utilizem seu método do exame para alcançar a verdade, pois para ele, a justiça deveria ser feita com o exame minucioso para a tomada da boa decisão. Eis que Sócrates pede para que seus acusadores o imitem – tal como faziam os jovens – nessa investigação e começa a apontar as falhas contidas no discurso da acusação.

Na *Apologia* de Platão, Sócrates direciona-se a Méleto e pergunta: o que torna os jovens melhores? Argumentando que se os jovens falam com diversos atenienses na cidade, que os ajudam a melhorar, por que somente ele seria capaz de torná-los piores? E se a alegação de que ele corrompe a juventude for verdadeira, ele teria que ser advertido e instruído a melhorar e não ser condenado por algum crime, pois se ele corrompe não o faz intencionalmente, mas involuntariamente. Sócrates afirma que o porta-voz dos poetas prefere puni-lo a instruí-lo. Para o filósofo, o modo mais nobre de agir não é incapacitar os outros, mas tentar fazê-los tornarem-se homens melhores (PLATÃO, *Apologia*, 39d-e). Sócrates critica Méleto de acusá-lo “numa espécie de bravata juvenil” (Ibidem, 26e-27a).

O porta-voz dos poetas também acusa Sócrates de não acreditar nos deuses da cidade e introduzir novas divindades. Eis que o filósofo argumenta: “Ora, se eu acredito em coisas demoníacas, é mais do que forçoso acreditar também na existência de demônios, não é verdade?” (Ibidem, 27c-d). Ao que Méleto concorda, visto que se acredita na existência de demônios, que são deuses ou filhos de deuses, não há como negar que Sócrates acredita também nos deuses atenienses. Com essa conclusão, Sócrates destaca que está sendo julgado devido à “calúnia e inveja das multidões” (Ibidem, 28a).

Sócrates demonstra as incoerências nas acusações feitas contra ele, pois como poderia introduzir novas divindades e descrer dos deuses antigos ao mesmo tempo? Uma acusação por si só já excluiria a possibilidade da outra. Ao demonstrar estas incoerências, o filósofo desagrade tanto seus acusadores, que se sentem envergonhados diante da multidão no tribunal, quanto o próprio *demos*, que esperava um discurso de clemência e perdão pela conduta tomada pelo filósofo. O exame socrático gera vergonha propositalmente, para que as pessoas, tomando consciência da falácia em suas

opiniões, possam vir a buscar alguma medida para melhorar-se. Tomamos de empréstimo as conceituações do helenista E. R. Dodds para sustentar a tese de que a sociedade ateniense era fundada nos binômios honra (prestígio e fama) e vergonha. Segundo Dodds:

O sumo bem do homem homérico não é a fruição de uma consciência tranquila, mas sim a fruição de *timé* (estima pública). (...) A mais potente força moral que conhece não é o medo de deus, mas o respeito à opinião pública, *aidós* (2002, p. 26).

Os diálogos nos quais Sócrates se coloca a tarefa de refutar seus interlocutores também representam peça fundamental da missão socrática de cuidar da alma dos atenienses. No diálogo *Górgias*, Sócrates diz se incluir no pequeno número de pessoas que têm “prazer em ser refutadas, no caso de afirmarem alguma inverdade e prazer também em refutar os outros se não estiver certo, do mesmo modo, o que disserem e que tanto se alegram com serem refutados como em refutarem” (PLATÃO, *Górgias*, 458a-b). Sócrates ainda considera melhor ser refutado do que refutar por poder se livrar do mal de ter opiniões errôneas habitando em sua alma (Ibidem, 458b).

A raiva gerada pelo exame socrático se dirigiu contra o próprio filósofo, que recebeu a maioria dos votos, sendo condenado à pena de morte.⁹ Sócrates afirma que se tivesse mais tempo seria possível convencer mais pessoas de que ele não cometeu injustiças, mas que, pelo contrário, estava sofrendo uma injustiça (Ibidem, 37a-d). Com essa afirmação, Sócrates desejava elucidar uma coisa muito importante no exame das opiniões: não se pode ter um tempo determinado e fixo quando se quer examinar uma questão. Essa questão também aparece elucidada no diálogo *Teeteto* de Platão:

Sócrates – Parece. Por vezes, meu admirável amigo, tal como agora e em outras circunstâncias, me tem ocorrido, como é natural, revelarem-se oradores ridículos as pessoas dadas a especulações filosóficas, sempre que se apresentam nos tribunais.

Teodoro - Que queres dizer com isso?

Sócrates - Parece-me que os indivíduos que desde moços vivem a rolar nos tribunais ou quejandos ajuntamentos, em confronto com os educados na Filosofia e estudos correlatos são como escravos comparados a homens livres.

Teodoro - E qual é a razão?

Sócrates - A que apontaste agora mesmo: o tempo de que sempre dispõem, por terem folga para conversar em paz, tal como se dá neste momento conosco, pois agora mesmo mudamos de assunto pela

⁹ Em meio a 500 votantes, por pouco Sócrates não consegue a maioria dos votos. Sendo condenado por 220 votos a favor da pena de morte (Ibidem, 37a-d).

terceira vez. É o que eles fazem quando um novo tema lhes agrada mais do que o debatido, sem se preocuparem se a conversa dura muito ou pouco. O que importa é atingir a verdade. Os outros, ao revés disso, só falam com o tempo marcado, premidos a todo instante pela água da clépsidra, que não os deixa alargar-se à vontade na apreciação dos temas prediletos. Ademais, o adversário não arreda pé de junto deles, a insistir nos artigos da acusação, de nome antomomia, outras tantas barreiras que não podem ser ultrapassadas. Trata-se sempre de discursos de escravos a favor de algum conservo, pronunciado na presença do senhor que se acha ali sentado e traz na mão alguma queixa. A luta nunca se trava por questões indiferentes, porém sempre de interesse pessoal, estando, muita vez, em jogo a própria vida. De tudo isso resulta que eles ficam hábeis e sumamente atilados, por saberem adular o senhor com suas falas e servi-lo de mil modos. Porém a alma deles acaba estiolada e retorcida, pois, escravos desde a infância, ressentem-se no crescimento, na retidão e na liberdade, o que os leva a práticas tortuosas e deixa suas tenras almas expostas a perigos e temores de toda espécie. Não podendo transpor esses obstáculos sem ferir a justiça e a liberdade, voltam-se muito cedo para a mentira e respondem à injustiça com injustiça, donde vem ficarem inteiramente deformados e retorcidos. Desse modo, terminada a adolescência, sem terem nada sadio na mente, quando atingem a idade madura tornam-se sábios e de malícia incontrastável, segundo crêem (PLATÃO, *Teeteto*, 172 d-173 b).

Podemos notar que o tribunal não é o lugar adequado para exercer a prática do exame em uma tentativa de busca fidedigna pela verdade. Essa passagem é bastante elucidativa sobre as críticas de Sócrates à prática do debate no tribunal e o destaque dado que à liberdade de tempo que a filosofia necessita para pensar, refletir e examinar. Por isso muitos diálogos platônicos terminam dizendo que o problema merece continuar sendo debatido, pois ainda não se tem uma resposta conclusiva, como, por exemplo, no diálogo *Fédon* de Platão, em que Sócrates orienta seus amigos a continuarem conversando sobre a imortalidade da alma, após sua morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel Foucault (2009) analisa a *Apologia* escrita por Platão a partir da ótica do Sócrates parresiasta, ou seja, aquele que fala a verdade que desagrade o tribunal ateniense, mas que permanece sempre coerente entre aquilo que ele pensa ser a melhor forma de agir e a sua própria ação no mundo. Na *Apologia* de Platão, Sócrates é um parresiasta porque ele escolhe falar a verdade, mesmo sob o risco de perda da própria vida, pois para ele o maior mal não seria a morte, mas agir injustamente. Sócrates também diz não abrir mão da sua vida filosófica, que implicava o exame de si e dos

outros, missão que teria recebido de Apolo, a quem não iria desobedecer para continuar vivo. E se sua alma continuasse existindo no pós-morte, ele continuaria examinando as pessoas, em busca da alma de um homem sábio (PLATÃO, *Apologia*, 41b-c).¹⁰

Examinar as acusações recebidas é uma ação é altamente arriscada de ser realizada no tribunal ateniense. As palavras de Sócrates soam arrogantes aos olhos dos atenienses, que em muitas partes da *Apologia* demonstram-se revoltados, principalmente, quando Sócrates vale-se da *parresía* para afirmar que se fosse o caso dele colocar uma pena para si próprio deveria ser alimentar-se no Pritaneu.

O debate sobre a morte de Sócrates, seu julgamento e os motivos que o levaram à condenação ainda oferecem um grande cenário dramático para a reflexão filosófica, seja pelos embates históricos e políticos da época, seja pela intolerância que os contemporâneos do filósofo demonstraram diante de um viver diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANFORA, Luciano. *Um ofício perigoso: a vida cotidiana dos filósofos gregos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Clássica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

DODDS, Eric Robertson. *Os gregos e o irracional*. São Paulo: Escuta, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Le Courage de la vérité: Le Gouvernement de soi et des autres II*. Cours au Collège de France (1984). Paris: Gallimard, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Le Gouvernement de Soi et des Autres: Cours au Collège de France (1982-1983)*, Le Seuil: Gallimard, 2008.

GROS, Frédéric. Situation du cours. In: FOUCAULT, Michel. *Le Courage de la vérité: Le Gouvernement de soi et des autres II*. Cours au Collège de France (1984). Paris: Gallimard, 2009.

HADDAD, Alice Bitencourt. A narrativa de Crítias, uma “atopia”. *Kléos*, Rio de Janeiro, n. 16/17, 2012/2013, pp. 119- 213.

MENDONÇA, Adriany Ferreira. Nietzsche contra Sócrates. 2000. *Dissertação (Mestrado em Filosofia)*. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MOSSÉ, Claude. *O Processo de Sócrates*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

¹⁰ Sócrates afirma: “quer me absolvais quer não, ficarei certos de jamais procederei de outra maneira, ainda que tenha que morrer mil vezes” (PLATÃO, *Apologia*, 30b-c).

ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da existência em Foucault*. Edições Graal Ltda, Rio de Janeiro, 1999.

PLATÃO. *A República*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 4. ed. Belém: EDUFPA, 2016. 2002.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates, Críton*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, Belém, 2015.

PLATÃO. *Laques, Eutífron*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2015.

PLATÃO. *O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, 3).

PLATÃO. *Protágoras, Górgias, Fedão*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2002

PLATÃO. *Teeteto*. Trad. Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

PLATÃO; XENOFONTE; ARISTÓFANES. *Defesa de Sócrates, Ditos e feitos memoráveis de Sócrates, Apologia de Sócrates, As nuvens*. Tradução de Platão por Jaime Bruna, de Xenofonte por Líbero Rangel de Andrade e de Aristófanes por Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, 2).

STONE, Isidor. *O Julgamento de Sócrates*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988

VALENTIM, Inácio. *Las Lecturas Platónicas de Michel Foucault. Lenguaje, Ética y Política: Parresía y el cuidado de sí en el Alcibiades, el Eutifrón y el Laques*. 2012. *Tese de Doutorado em Filosofia*) – Universidad Carlos III, Madrid, 2012.